

**LER E ESCREVER NO SÉCULO XXI: UMA
REFLEXÃO NECESSÁRIA EM TEMPOS
DE MUDANÇAS ACELERADAS**

Boletim UNINA
Boletim Unina V. 5, N. 1, 2023

Corpo Editorial
Eduardo Soncini Miranda
Sonia Maria Packer Hubler
Wilma de Lara Bueno

Revisão de Texto
Sônia Maria Packer Hubler

Diagramação
Carolyne Eliz de Lima do Nascimento

Instituição
Faculdade Unina

Endereço
Rua Claudio Chatagnier, nº 112, Bacacheri
CEP: 82520-590

Telefone
(41) 3123-9000

Site
<https://www.unina.edu.br/>

Indicação de periodicidade
Semestral

Sumário

EDITORIAL

página 5

O POPOL VUH DO SÉCULO XXI

página 7

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA, ESCRITA E COMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADE PROFISSIONAL EM TEMPOS DE TECNOLOGIAS

página 9

EDUCAÇÃO, ESCRITA E LEITURA PARA O SÉCULO XXI

página 11

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA NO SÉCULO XXI: INCLUSÃO SOCIAL, COMPETÊNCIAS DIGITAIS E EXPRESSÃO CRIATIVA

página 13

DIFICULDADE EM LEITURAS DE TEXTOS MULTIMODAIS NO ENSINO SUPERIOR

página 15

AS NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA E A EDUCAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

página 17

É com muita alegria que apresentamos aos(as) leitores(as) a nova edição do Boletim Unina. O tema **“Ler e escrever no século XXI: uma reflexão necessária em tempos de mudanças aceleradas”** nos permite (re)significar a importância dos atos de ler e escrever na interação social. Nesse sentido, percebemos, ao longo da história, diversas formas de comunicação de que os seres humanos lançaram mão, cada uma delas desempenhando um papel fundamental na disseminação de informações, no compartilhamento de ideias e na conexão entre as pessoas.

Em específico, todos(as) aqueles(as) que estão envolvidos(as) com a leitura e com a escrita trazem experiências particulares sobre o ato de ler, escrever, estudar, aprender, que merecem ser compartilhadas.

Nesse contexto, esta edição conta com a colaboração de autores de diferentes áreas e com diferentes enfoques, possibilitando pertinentes reflexões sobre a importância da leitura e da escrita em tempos atuais.

O professor Alisson Santana abre a edição com o artigo intitulado “O Popol Vuh do século XXI”. Em um texto envolvente —um presente para aqueles que gostam de história— Alisson Santana aborda a interessante saga do livro Popol Vuh (O Livro do Conselho, em Maia). Segundo o autor, essa obra é considerada sagrada até os dias atuais e trata das especificidades da sociedade na região de controle do EZLN (Exército Zapatista pela Libertação Nacional em Castelhano). O professor Alisson conclui fazendo um paralelo entre as adaptações e contradições históricas envolvendo o povo Maia e o Popol Vuh

com o contexto atual, a escrita e as novas tecnologias, e finaliza: “Adaptar-se às novas tecnologias de escrita é condição necessária para a perpetuação da escrita em si e do conhecimento que ela transmite.”

O segundo texto, da professora Evelin Goes, com o título “A importância da leitura, escrita e comunicação na formação de identidade profissional em tempos de tecnologias”, destaca a importância da leitura/escrita para a construção da cidadania social e para a formação da própria identidade das pessoas. Em um cenário atual de constantes desafios, por vezes desafios digitais, Evelin ressalta questões como a inclusão digital, a falta de aprofundamento e a distração, como dificuldades presentes no cotidiano. Para superá-los, a autora sugere ações como cursos, exercícios e revisões críticas, indicando o caráter construtivo e de espaço para novas aprendizagens, quando deparamos com novas ferramentas de comunicação.

O terceiro artigo, assinado pelos professores Aline Pereira e Alisson Santana, traz uma importante definição de letramento. Os autores destacam as diferenças entre os conceitos de letramento e alfabetização, sugerindo que o acesso às novas tecnologias e seus diversos gêneros textuais não garante, por si, a sua compreensão. Sintomático, portanto, que estejamos discutindo os malefícios da manipulação das informações, a criação de estruturas de produção e difusão de mentiras que circulam massivamente pelos novos meios digitais em uma realidade social extremamente desigual, e com a certeza de encontrar leitores não críticos e ingênuos.

No quarto texto, intitulado “A Importância da Leitura e da Escrita no Século XXI: Inclusão Social, Competências Digitais e Expressão Criativa”, as professoras Gabrielle Gomes, Sandra Mara de Lara e Angélica Czoher Antunes apontam as transformações mais recentes em relação às tecnologias e aos seus respectivos impactos na comunicação. As autoras ressaltam também o papel da alfabetização digital como parte essencial da expressão individual,

na criatividade e no exercício de uma cidadania plena. Para tanto, apontam as instituições de ensino, seus currículos e práticas pedagógicas, desde as relativas à infância até às de formação superior, como locus para a valorização e desenvolvimento das habilidades necessárias para a alfabetização digital.

No quinto artigo, as professoras Carla Emanuelle Sanches e Sonia Maria Packer Hubler desenvolvem um belo texto sobre as dificuldades em leituras de textos multimodais no Ensino Superior. Tais dificuldades estão relacionadas às diferenças sociais presentes no Brasil, um dos maiores e mais desiguais países do mundo e às especificidades de textos digitais. Usando como estudo de caso a própria faculdade Unina, as autoras relatam os principais entraves dos acadêmicos da disciplina Nivelamento em Língua Portuguesa (na qual os estudantes têm acesso a diversos tipos de gêneros textuais) com aspectos referentes a conhecimentos artísticos, que envolvem questões culturais em geral. Concluem evidenciando a necessidade de uma ampla e mais acelerada democratização de bens culturais, o que certamente contribuiria para a formação integral dos estudantes e, em especial, nas suas condições de multiletramentos.

Por fim, a professora Sonia Maria Packer Hubler destaca as práticas associadas à leitura e à produção de texto em relação à formação continuada de professores. No artigo que fecha esta edição, Sonia Hubler, a partir da proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), levanta o questionamento: “Como desenvolver com propriedade um trabalho relevante na questão da leitura e produção de novos gêneros propiciados pelos ambientes digitais?”. A professora Sonia enfatiza os desafios impostos à formação de professores, sobretudo no que diz respeito aos novos gêneros textuais típicos dos ambientes digitais.

Terminamos ressaltando que, além de importantes reflexões sobre o tema proposto, a presente edição do Boletim Unina também fornece informações sobre algumas das atividades

acadêmicas e os principais eventos promovidos pela Faculdade Unina.

Desejamos a todos uma boa leitura, esperando que esta edição cumpra com seus objetivos de promover a reflexão e o alargamento dos conhecimentos, de maneira democrática, de e para toda a comunidade.

Já estamos na expectativa da próxima edição!

Eduardo Miranda
Sonia Maria Packer Hubler
Wilma de Lara Bueno



O Popol Vuh do século XXI

Quando os castelhanos chegaram ao continente onde hoje é a América, chegaram inicialmente ao Império Mexica, mais especificamente na península que hoje é chamada de Yuakatan, no México. Por isso, antes mesmo de terem efetivamente contato com os Asteca, tiveram-no com os Maia.

Os Maia possuíam uma série de textos, produzidos em sua língua, que falavam de Matemática, Astronomia e outros tipos de ciências, filosofia, religião e organização social, escritos em livros diferentes dos nossos.

Com o objetivo de cristianizar os Maia, logo que chegaram à América, os castelhanos começaram a destruir obstinadamente todos esses textos. No entanto, na tentativa de impedir esse extermínio, um grupo de escribas Maia se escondeu e compilou tudo o que havia sobrado em um único livro, no qual era usado o mesmo modelo de códice do ocidente.

Apesar de escrito em Maia, foi registrado no al-

fabeto latino e não no alfabeto Maia, ou seja, utilizava a tecnologia do conquistador para manter vivo o seu próprio conhecimento. Esse livro foi chamado Popol Vuh (O Livro do Conselho, em Maia) e hoje é o livro sagrado dos Maia, o qual gere a sociedade na região de controle do EZLN.

O EZLN (Exército Zapatista pela Libertação Nacional em Castelhanos) é uma organização paramilitar mexicana composta por mexicanos e maia, coordenada pelo CCRI (Comitê Clandestino Revolucionário Indígena), que controla algumas cidades no norte do estado de Chiapas, no México, formando ali uma zona autônoma não reconhecida, mas oficialmente tolerada pelo Governo Federal.

Nessa região, os Maia podem conduzir sua vida de acordo com os ensinamentos do Popol Vuh, ou seja, como os antigos Maia viviam na região antes da chegada dos castelhanos.

Entretanto, nem sempre a situação foi pacífica. Originalmente, o grupo armado era considera-

do terrorista pelo Estado mexicano e aplicava táticas de guerrilha no norte da Península de Yukatan. A situação só foi estabilizada por pressão internacional por conta de um Maia erudito, até hoje anônimo, da etnia Lacandon. Por isso, ficou conhecido como o Escritor de Lacandon. Esse escritor, progressivamente, começou a publicar trechos do Popol Vuh em castelhano e em inglês, para todo o mundo, além de denunciar os exageros do exército mexicano na região. Mais uma vez, os Maia usaram a tecnologia de escrita do seu opressor para vencê-lo.

É curioso que o Popol Vuh finaliza de uma forma muito triste e melancólica: “Assim, esta é a natureza do Quiché [como os Maia chamavam sua terra no Império Mexica],/ Nunca mais vista./ Ela existiu antigamente para os senhores,/ Mas está perdida./ Assim isto conclui tudo sobre Quiché,/ Chamada Santa Cruz [nome dado pelos castelhanos]” (PUCHNER, 2019, p. 223). Termina com a aceitação da derrota marcada pela mudança do nome da terra. Não é à toa que os Maia escolheram a cidade de Santa Cruz como a sede da sua região autônoma, como um símbolo de reconquista.

Uma pena os Maia que escreveram o Popol Vuh não terem vivido para ver que, por sua obra, por sua escrita, por seu poder de adaptação às novas tecnologias de escrita, seu povo pôde no futuro restaurar sua cultura.

A atualização de novas tecnologias de escrita e

leitura é sempre um choque para qualquer momento histórico. No Ocidente, passamos pela escrita em pedra, pela tabuleta de argila, pelo papiro, para só então chegar ao papel. Ainda assim, no papel, passamos pelo rolo e pelo pergaminho, para só então chegar ao códice. Hoje não estamos chegando, já estamos vivendo a era do E-Book e dos PDFs e já estamos chegando à próxima fase, os Audiobooks, enquanto alguns ainda resistem ao uso de livros digitais.

Adaptar-se às novas tecnologias de escrita é condição necessária para a perpetuação da escrita em si e do conhecimento que ela transmite. O que ficou na pedra e não passou para a tabuleta se perdeu; os textos Maia que não integraram o Popol Vuh se perderam; assim como um texto escrito em uma língua morta que não foi traduzida para uma língua vernácula também se perde.

Escrever no século XXI não é apenas escrever NO século XXI, mas também escrever COMO no século XXI, para o leitor DO século XXI.

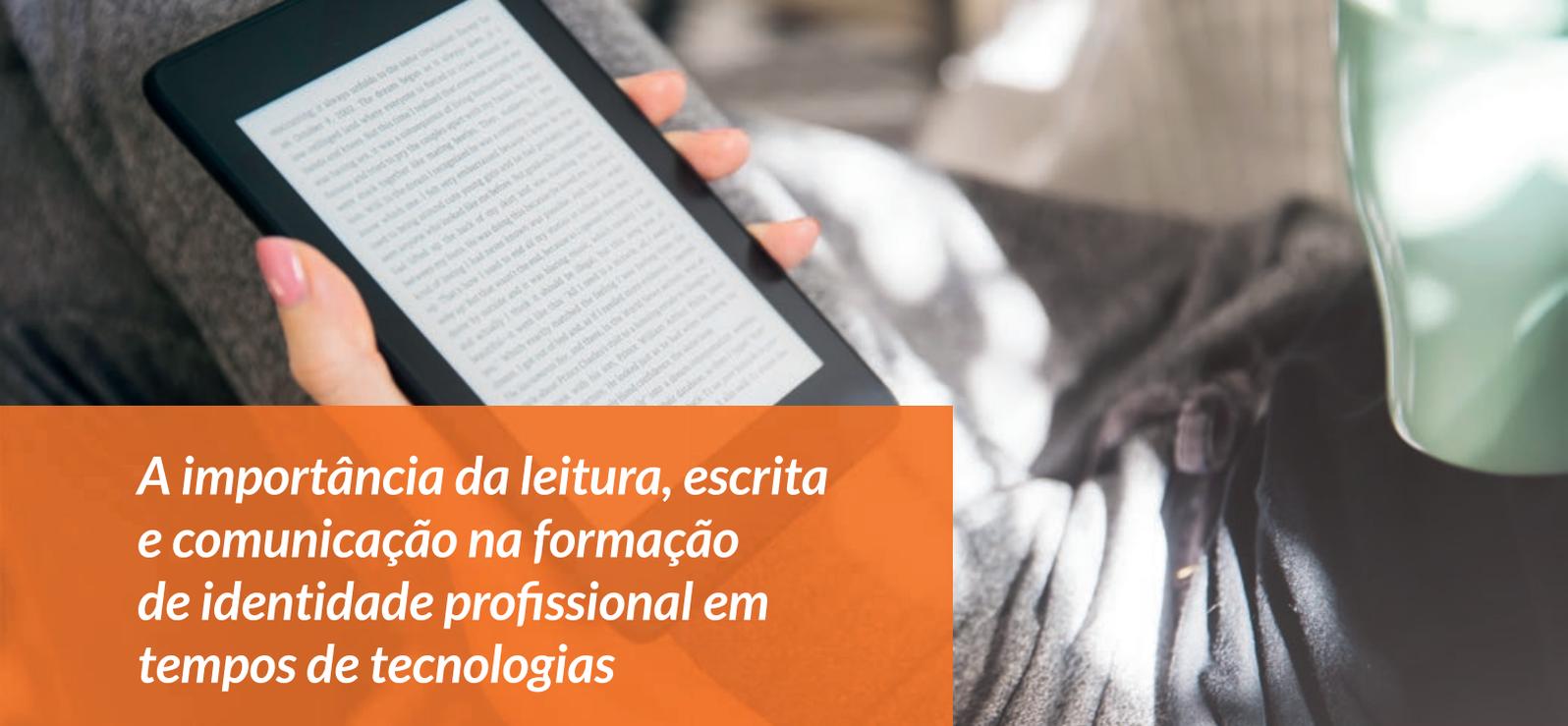
Talvez esse seja o maior desafio para nós, escritores do milênio passado.

Esp. Alisson Sant’Anna

Professor-tutor e Conteudista de Teologia da Faculdade Unina. Integrante da CIPA, Gestão 22/2023.

REFERÊNCIAS:

PUCHNER, Martin. **O Mundo da Escrita: Como a Literatura Transforma a Civilização**. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2019



A importância da leitura, escrita e comunicação na formação de identidade profissional em tempos de tecnologias

A leitura e a escrita desempenham papéis essenciais na formação de nossa identidade e cidadania, sendo fundamental entender como elas podem ajudar a desenvolver habilidades importantes para a vida, como a empatia e a capacidade de se comunicar efetivamente, principalmente no ambiente de trabalho.

Atualmente, enfrentamos desafios decorrentes do avanço da tecnologia que afetam os processos de leitura e escrita. Conforme destacado por Paulo Freire,

Existe uma reflexão do homem face à realidade. O homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns (por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada, conseguir com que o educando reflita sobre sua própria realidade). Porque quando o homem compreende sua realidade pode levantar hipóteses sobre os desafios dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. (FREIRE, 1979, p. 16).

O desenvolvimento humano ocorre em consonância com nossas necessidades. No caso da lei-

tura e da escrita, vários fatores influenciam seu desenvolvimento, como a maneira como lemos, escrevemos e nos comunicamos, especialmente no século XXI.

Embora o acesso às tecnologias de informação ofereça muitas oportunidades para leitura, escrita e comunicação, também apresenta desafios, como a distração constante e a falta de profundidade, além da inclusão digital. Castells (1999, p. 69) afirma que, “as novas tecnologias de informação não são simples ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos”.

Tais processos, que envolvem a comunicação, são importantíssimos no ambiente de trabalho, uma vez que é através da comunicação que expressamos nossas ideias. Embora o uso das tecnologias de informação otimize muitos processos, faz-se necessário destacar que o contato ainda precisa ser o item fundamental de qualquer organização, que é feita de pessoas.

A comunicação adequada permite transmitir ideias, expressar opiniões, negociar, colaborar e resolver problemas de forma efetiva. Ela precisa ser clara e concisa, pois é crucial para o trabalho em equipe, para a liderança e o desenvolvimento de relacionamentos profissionais sólidos.

A leitura e a escrita ajudam a desenvolver habilidades interpessoais, permitindo que os profissionais estabeleçam conexões e construam relacionamentos significativos com colegas de trabalho, superiores, clientes e parceiros de negócios. Assim sendo, são indispensáveis nas relações humanas.

No entanto, é importante ressaltar que essas habilidades devem ser desenvolvidas de maneira sólida e devem ser constantemente alimentadas com conteúdos que exercitem a criatividade e o senso crítico, e que nutram tanto o intelecto como a imaginação.

Em tempos de avanços tecnológicos, a leitura e a escrita continuam sendo essenciais, mas é importante adaptá-las ao contexto digital, pois “os fenômenos comunicacionais, na sociedade contemporânea, apresentam uma diacronia muito dinâmica – não apenas consequência do avanço tecnológico, mas também dos processos sociais interacionais que se diversificam correlatamente.” (BRAGA, 2007, p. 76)

A capacidade de ler e interpretar informações online, compreender diferentes formatos de conteúdo, e de escrever de forma apropriada para diferentes canais digitais é fundamental

para a identidade profissional. Necessário ainda frisar que a comunicação por meio de ferramentas digitais, como e-mails, mensagens instantâneas e videoconferências, requer habilidades de escrita e leitura eficazes.

Para desenvolver todas essas habilidades e destacar-se no mercado de trabalho, é preciso realizar exercícios constantes de análise e prática da expressão oral e escrita, participar de cursos e workshops de comunicação, dinâmicas em grupos, buscar feedbacks construtivos e manter-se aberto a novas experiências e conhecimentos.

No tocante especificamente à escrita, auxiliam muito o desenvolvimento do hábito de ler livros e textos relevantes para a área de atuação e, obviamente, a prática frequente de produção de textos.

Esp. Evelin Cristina de Goes

Especialista em MBA em Gestão de Recursos Humanos, Mestranda em Recursos Humanos e Gestão do conhecimento, Professora-tutora do Curso de Tecnologia em Recursos Humanos da Faculdade Unina.

REFERÊNCIAS:

BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v1i2p73-88. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>. Acesso em: 31 maio. 2023.

CASTELLS, Manuel. **La Era de la informacion**: economiá, sociedade y cultura. Tradução: Roneide Venâncio Majer; atualização para 6ª Edição: Jussara Simões – (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Volume 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Educação e Comunicação).



Educação, Escrita e Leitura para o século XXI

Desde o momento do nosso nascimento, somos imersos no mundo social e letrado. Esse último termo, diferente do vocábulo alfabetização - entendimento dos sinais gráficos e identificação dos fonemas - diz respeito ao uso da leitura e da escrita para a interpretação do mundo.

Na prática, espera-se que o ser humano letrado compreenda entrevistas jornalísticas, reportagens, cartas, instruções, relatórios, E-mails, narrativas, bilhetes, folhetos de publicidade, quadrinhos, imagens, entre outros gêneros, com o intuito de buscar o seu lugar na sociedade, como pessoa política, profissional e cidadã. Grande parte dessa construção político-social única acontece no ambiente acadêmico, juntamente com as experiências de vida cotidiana do ser.

A respeito do conceito de letramento, Mollica escreve que:

transcende o conhecimento da escrita para fora do âmbito da escola, na medida em que, nas sociedades complexas, a escrita integra todos os momentos de nosso cotidiano. Sob tal perspectiva, compreende-se que a escrita tem múltiplas funções, desde as mais rotineiras até as que

permitem acesso às esferas do poder. Assim, o letramento tem que ser entendido como práticas sociais em que se constroem identidade do poder, extrapolando-se os limites da escrita. (MOLLICA, 2007, p.15 e 16)

Embora interdependentes, os conceitos de letramento e de alfabetização são diferentes, como já foi mencionado anteriormente. A bandeira do fim do analfabetismo no Brasil, por exemplo, é empunhada há alguns anos, e o Governo Federal já lançou mão de muitas ações para atingir esse intento. Com esse objetivo, Paulo Freire (1921-1997) se utilizou de métodos práticos criados por ele, alfabetizando 300 trabalhadores rurais em 40 dias, na década de 1960.

No entanto, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), “a taxa de analfabetismo da população com 15 anos ou mais de idade no Brasil caiu de 7,2% em 2016 para 7,0% em 2017, mas não alcançou o índice de 6,5% estipulado, ainda para 2015, pelo Plano Nacional de Educação (PNE).” (NETO, 2018), o que revela o insucesso do país nessa meta.

A leitura e a escrita no século XXI, assim como em outras épocas, nos acompanha diariamente,

mas um diferencial atualmente é a evolução da tecnologia da informação, que possibilita o acesso das grandes massas sociais a informações e conteúdos disponibilizados de forma rápida e nem sempre segura. Grupos de discussão, sites de entretenimento, Blogs, entre outros, veiculam textos que parecem ser de fácil interpretação gráfica, mas nem sempre de compreensão simples. O acesso fácil a esses gêneros não garante que eles sejam usados e compreendidos adequadamente, de forma crítica, por exemplo.

Com isso, não se quer dizer que não há vantagens na divulgação desses textos. Muitos são os benefícios dessas informações e construções virtuais, que vencem dificuldades econômicas e geográficas na própria Educação, como a hoje sólida educação a distância, ou nas áreas de divulgação científica.

É inegável que a tecnologia tornou a nossa sociedade mais rápida e ávida por informações, embora, sem filtro, o que se agrava mais por conta dos diferentes níveis educacionais da sociedade brasileira, de analfabetos funcionais a cultos.

Importante lembrar que muito do caos social vivido no Ocidente hoje se deve à manipulação de uma massa inculta que tem acesso à informação, mas não aos meios necessários para filtrá-la.

Enfatizamos a importância de não esquecermos que a tecnologia existe para servir, e não o contrário, porém como toda essa leitura estrutural e social tem conduzido os seres políticos, profissionais e cidadãos?

É preciso repensar a Educação não puramente como transmissão de conhecimentos, mas como Educação para a Vida Vivida.

Além disso, a fim alcançar os que já não estudam mais formalmente, é de extrema importância que nós, educadores, nos disponhamos a escrever de forma clara e direta, garantindo a possibilidade de entendimento tanto para o indivíduo culto como para o analfabeto funcional.

Esp. Aline Pereira da Silva

Professora-tutora de Pedagogia da Faculdade Unina. Integrante da CIPA, Gestão 22/2023.

Esp. Alisson Sant'Anna

Professor-tutor e Conteudista de Teologia da Faculdade Unina. Integrante da CIPA, Gestão 22/2023.

REFERÊNCIAS:

NETO, João. **Analfabetismo cai em 2017, mas segue Acima da Meta para 2015.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015> Acesso em: 02/05/2023.

MOLLICA, M.C. **Fala, Letramento e Inclusão Social.** São Paulo-SP: Editora Contexto, 2007.



A Importância da Leitura e da Escrita no Século XXI: Inclusão Social, Competências Digitais e Expressão Criativa

No século XXI, a sociedade passa por rápidas transformações, impulsionadas pelos avanços tecnológicos e pela globalização. Nesse contexto, a leitura e a escrita desempenham um papel fundamental como habilidades indispensáveis para o pleno exercício da cidadania e para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Conforme apontado por Machado (2002), escritora e defensora dos direitos da criança à leitura, a leitura e a escrita são ferramentas poderosas para promover a inclusão social. A capacidade de compreender e produzir textos permite que os indivíduos participem ativamente da sociedade, ampliem suas oportunidades de emprego e tenham acesso a informações relevantes. Além disso, a literatura pode ser uma fonte de

empoderamento e reflexão sobre temas sociais importantes.

Com a ascensão das tecnologias digitais e da internet, a leitura e a escrita assumem novas formas e exigem novas habilidades. A capacidade de ler e escrever de forma crítica e eficiente, na era digital, é fundamental para navegar por uma imensa quantidade de informações, discernindo entre fontes confiáveis e questionando discursos manipuladores. A alfabetização digital, combinada com as habilidades tradicionais de leitura e escrita, torna-se cada vez mais essencial para a participação plena na sociedade contemporânea.

A leitura e a escrita também desempenham um papel crucial na expressão individual e na cria-

tividade. Pesquisadores como Howard Gardner (2010) defendem que a escrita criativa e a leitura de diferentes gêneros literários contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico, da imaginação e da capacidade de se colocar no lugar do outro. Além disso, a escrita pessoal e a produção de textos autorais permitem que as pessoas expressem suas ideias, sentimentos e experiências de forma única.

Diante das mudanças aceleradas em nossa sociedade, a leitura e a escrita continuam sendo habilidades indispensáveis para enfrentar os desafios do século XXI. No contexto da educação superior, a leitura e a escrita podem ser consideradas habilidades transversais, competências digitais e instrumentos de empoderamento e inclusão. É imprescindível que as instituições de ensino valorizem e possibilitem o desenvolvimento dessas habilidades em seus currículos e práticas pedagógicas. E que isso ocorra desde a infância, por meio de políticas públicas efetivas e práticas educacionais inovadoras.

Além disso, é importante que a sociedade como um todo valorize a leitura e a escrita, reconhe-

cendo sua importância para a formação de cidadãos críticos, informados e capazes de se adaptar às rápidas transformações do mundo contemporâneo.

Gabrielle Muller Gomes

Mestranda em educação, pedagoga pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e professora-tutora na Central de Estágios EAD da Faculdade Unina.

Sandra Mara de Lara

Doutoranda em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Professora-tutora de Pedagogia EAD da Faculdade Unina.

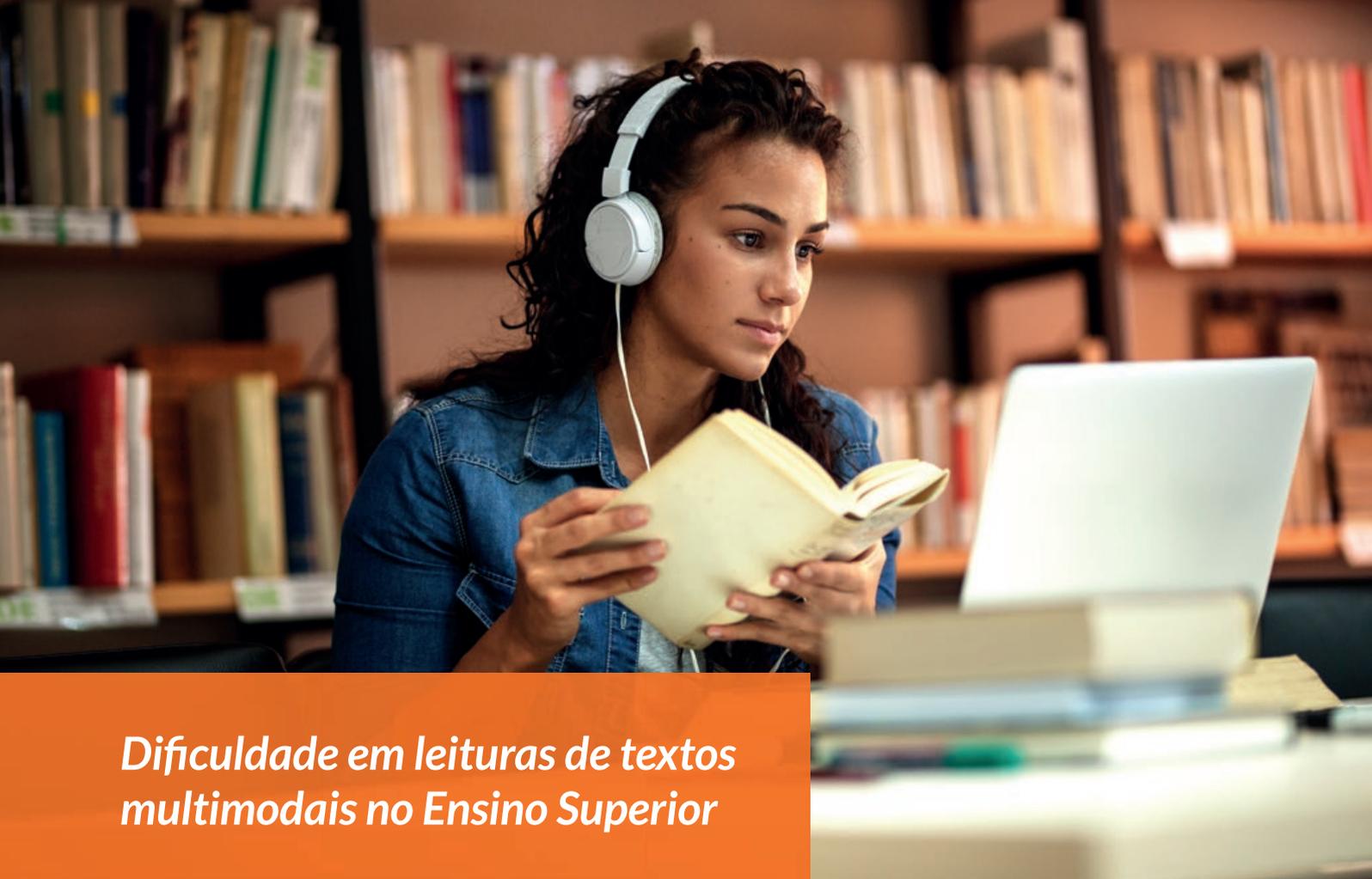
Angelica Czoher Antunes

Supervisora da EAD da Faculdade Unina.

REFERÊNCIAS:

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. São Paulo: Editora Objetiva, 2002.

GARDNER, Howard; CHEN Qj-Jie, MORAN Seana. **Inteligências Múltiplas ao Redor do Mundo**. Ed. Selo Penso, Grupo A Educação, 2010.



Dificuldade em leituras de textos multimodais no Ensino Superior

O processo de leitura no Ensino Superior demanda uma amplitude de conhecimento de mundo, muitas vezes, distante da realidade do aluno, principalmente daqueles inseridos no contexto da Educação a Distância, em que textos multissemióticos e multimodais são predominantes. Um desses campos em que se exige leitura desses tipos textuais é o Nivelamento em Língua Portuguesa¹, da Faculdade Unina, quando estudantes ingressantes de cursos de graduação da Instituição se deparam com diversos tipos de textos, com diferentes formatos, muitas vezes inéditos para eles.

A partir desse contexto, como professoras que mediam a interação dos estudantes com esses textos, nos deparamos, frequentemente, com a dificuldade deles em construir sentidos adequados para os textos, especialmente a alguns que circulam nos ambientes digitais.

Especificamente, tem nos chamado atenção os problemas referentes à análise de textos com múltiplas linguagens, como é o caso da proposta da aula 3 do Nivelamento, em que os acadêmicos precisam perceber a intertextualidade presente a partir de um autorretrato com uma releitura de uma pintura e parte da letra de uma canção. Na atividade em questão, a intertextualidade seria a referência a Frida Kahlo, famosa pintora mexicana presente no autorretrato. Pressupomos que a dificuldade maior dos acadêmicos em responder à atividade reside principalmente no fato de desconhecerem a artista e as características de sua obra, ou seja, o texto referência. Esse fato materializa o baixo conhecimento de mundo por parte dos estudantes, aspecto tão necessário para compreensão de textos multissemióticos e multimodais.

Brevemente, pode-se dizer que a intertextuali-

¹ O Nivelamento em Língua Portuguesa é um programa, que integra o Prolac (Programa de Letramento Acadêmico), desenvolvido pela Unina para todos os alunos de graduação (tecnólogos, bacharelados e licenciaturas), com o objetivo de suprir defasagens da linguagem.

dade é a relação e influência de um texto sobre o outro. De acordo com Roland Barthes (2006), todo texto é um intertexto no sentido de que outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis. Ou seja, ele mantém relações com textos que lhe dão origem e com os quais de alguma forma dialoga.

Entendendo-se que “as práticas de leitura se desenvolvem em aprendizagens culturais das quais os sujeitos se apropriam como parte de sua identidade” (BALTAR et al, 2011, p. 123), talvez possa-se analisar que o empecilho principal para os estudantes esteja relacionado ao seu conhecimento de mundo, uma vez que, quanto mais horizonte social e percepção de mundo o indivíduo tiver, mais condições de construir um sentido adequado aos textos ele terá.

De acordo com Ingedore Koch e Vanda Elias (2011), esse conhecimento – também chamado de enciclopédico – refere-se aos conhecimentos gerais sobre o mundo, além daqueles relativos a vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados. Tal conhecimento, construído ao longo da vida, é essencial para o estabelecimento do sentido de um texto.

Uma de nossas hipóteses em relação às dificuldades apresentadas pelos estudantes seria a de uma relativa limitação desse conhecimento de mundo, principalmente devido à dificuldade de acesso democrático a saberes muitas vezes restritos a uma elite social, como a arte, o co-

nhecimento científico, entre outros. Ou seja, estudantes de camadas sociais e economicamente desfavorecidas têm poucas condições de acesso a obras de cientistas, pintores, escultores e artistas em geral.

Nesse sentido, no caso da atividade mencionada do Programa de Nivelamento, por não conhecerem Frida, sua identidade e características, que se refletem em seu estilo, fazem uma leitura, se não equivocada, superficial dos textos sujeitos à análise.

Assim sendo, além de todos os desafios que as esferas educacionais enfrentam no Brasil, talvez elas também devam se envolver mais na luta pela democratização dos bens culturais, o que certamente contribuiria para a formação integral dos estudantes e, em especial, nas suas condições de multiletramentos.

Ms. Sonia Maria Packer Hubler

***Professora-tutora do Nivelamento em
Língua Portuguesa da Unina.***

Esp. Carla Emanuelle Sanches

***Professora-tutora do Nivelamento em
Língua Portuguesa da Unina.***

REFERÊNCIAS:

Baltar, M. et al. **Leitura e produção textual acadêmica I** – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Ed Perspectiva, 2006.

KOCH, I. V; ELIAS, V.M. **Ler e compreender os sentidos do texto**.3.ed. São Paulo: Contexto, 2011.



As novas práticas de leitura e escrita e a educação continuada de professores

A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens que todos os alunos – de escolas públicas e privadas brasileiras – devem desenvolver durante a Educação Básica. Os conhecimentos, competências e habilidades por ela estabelecidos devem ser um guia para a construção dos currículos dos sistemas de ensino a fim de que se garanta a qualidade e a equidade educacional em todo o país.

De acordo com a BNCC, a segunda etapa da Educação Básica – o Ensino Fundamental – está organizado em áreas que favorecem a comunicação entre os conhecimentos e saberes de diferentes componentes curriculares (BRASIL, 2017). Entre essas áreas, encontra-se a de Lin-

guagens, que é composta pelos componentes Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa (nos Anos Finais).

É perceptível, no Componente Curricular de Língua Portuguesa, uma ideia de continuidade em relação a documentos e orientações oficiais anteriores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e Diretrizes Curriculares Nacionais. Entretanto percebe-se que a BNCC busca também atualizá-lo, principalmente, em função das transformações das práticas de linguagem ocorridas no século atual, em especial devidas ao desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação, que deram origem a muitos novos gêneros (alguns até por meio de transformações de outros já existentes).

Assim sendo, a BNCC propõe que o Componente Curricular de Língua Portuguesa auxilie os estudantes no desenvolvimento dos letramentos, a fim de possibilitar que participem significativa e criticamente das práticas de linguagem contemporâneas (orais, escritas e multimodais). Nesse contexto, destaca-se especialmente o surgimento de novos gêneros textuais típicos dos ambientes digitais. À primeira vista, poder-se-ia supor que crianças e jovens da atualidade já dominam tais gêneros e não se faria necessário tematizá-los na escola. Contudo, destaca-se que nem sempre ser usuário de alguns desses gêneros significa que o estudante saiba usá-los com propriedade, consciência e criticidade.

Diante desse cenário, como professora com considerável experiência na formação de docentes, deparo-me como uma constatação bastante perturbadora: a dificuldade de professores, principalmente os formados há um certo tempo, de lidarem com segurança com a leitura e a produção de textos que circulam na esfera digital, como: infográficos, vlogs, trailer honestos, fanfics, playlists comentadas, podcasts, memes, entre outros.

Importante destacar que não se espera do docente do Ensino Fundamental que somente apresente/ou exemplifique tais gêneros para os alunos, mas que crie situações significativas e reais de leitura, análise e produção desses gêneros de modo que lhes possibilitem sua participação ativa e crítica em contextos efetivos.

A questão que se coloca é: Como desenvolver com propriedade um trabalho relevante na questão da leitura e produção de novos gêneros

propiciados pelos ambientes digitais?

Nesse sentido, entende-se que, se mudanças no ensino básico são necessárias – e isso é inegável – tão imprescindíveis quanto essas mudanças são as condições, de diversas ordens, para que tais mudanças sejam implementadas e tenham sucesso. E com urgência!

Assim sendo, defende-se medidas urgentes em relação à formação inicial e, especialmente, continuada dos professores, atores importantes no processo de implementação de mudanças no ensino. Por meio de uma adequada e abrangente formação continuada, seria possível dar condições aos professores de se apropriarem de conhecimentos e experiências acerca de novos gêneros textuais, o que lhes permitiria condições de, com muito estudo e afinco, desenvolverem um trabalho significativo junto a seus alunos.

A respeito da importância da formação continuada, trazemos as palavras de Paulo Freire, grande defensor da formação permanente, “por entender que os educadores necessitam de uma prática político-pedagógica séria e competente que responda à nova fisionomia da escola que se busca construir”. (FREIRE, 2001, p. 80). Uma escola que forme para a cidadania e que seja voltada para o presente e para o futuro.

Ms. Sonia Maria Packer Hubler

Professora-tutora do Nivelamento em Língua Portuguesa da Faculdade Unina.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2017

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

**Cursos de graduação,
pós-graduação e extensão
universitária**

Saiba mais em nosso site:

www.unina.edu.br



**FACULDADE
UNINA**

CURITIBA E REGIÃO:

(41) 3123 9000

DEMAIS LOCALIDADES:

4003-3741

**Rua Claudio Chatagnier, nº 112, Bacacheri • CEP 82520-590
Curitiba/Paraná**